



*A Trombeta escutai dos Lusitanos,  
E se rouca tocar... trenei Tyrannos!*

O TROMBETEIRO.

## A TROMBETA LUZITANA.

### ACCUSAÇÃO DA TROMBETA.

Ha muito tempo que nós havia-mos previsto, que os inimigos da Liberdade, e da Patria buscarião todos os meios cavilozos, e injustos para nos perseguirem, e impôr silencio. Primeiramente servirão-se das vias de facto, fazendo-nos esperas de noute para nos assassinare, mas que todas lhe forão frustradas, pelas prudentes medidas que adoptamos. Desesperados em fim de não poderem effectuar suas perfidas e homicidas intenções, forão instigados por desvairado frenezim accusar os N.ºs 16 e 17 deste Jornal. Foi Quinta Feira 26 do corrente que esta noticia chegou ao nosso conhecimento, assim como de se haver passado Mandado de prizão contra nossa pessoa. Sempre coherente em nossos principios de honra, e obediencia á Lei, nos dirigimos immediatamente a casa da Authoridade competente para nos instruir da verdade, e entrando no conhecimento de que com effeito se passára Mandado de prizão contra nós; nos despedimos da Authoridade, participando-lhe que hiamos dalli apresentar-nos na cadeia da Corte; o que assim cumprimos instantaneamente, indo apresentar-nos ao Carcereiro, para que nos recebesse como prezo, e lavrasse o necessario Assento.

Aqui verão nossos Concidadãos se sabemos respeitar, e obedecer promptamente á Lei, e se somos capaz de sustentar com honra tudo quanto avançamos. Nós ainda não pedémos obter huma participação offi-

cial da accusação contra nós intentada, nem intimação alguma judicial; e por isso não podemos já annunciar a nossos Concidadãos quaes sejam os artigos denunciados dos dous N.ºs, o que faremos na primeira occasião. Com tudo, verão todas as pessoas que os hão lido, que elles não incerrão doutrina alguma subversiva, e que nem directa, nem indirectamente chamão os Povos á desobediencia, e muito menos á rebellião; unico caso em que a Lei manda proceder logo á prizão do author. Daqui se pôde conhecer qual seja o espirito que anima nossos inimigos contra nossa pessoa, por pugnar-mos deliberadamente contra os abusos do Poder, e infracção das Leis. Persuadidos talvez de que nos atemorizavão, e nos eximiria-mos pela fuga, a responder ao recto Tribunal do Jury, como cobardamente praticarão os dous Sandovaes, foi que intentarão contra nós este injusto procedimento. Porém, confiado em nossa justiça, e na inteireza de hum incorruptivel Tribunal, que hade julgar nossos escriptos, somos no emtanto o primeiro a obedecer á Authoridade, regulando nossa conducta pelos dictames da razão, e da honra.

Quando lançamos os olhos sobre os dous accusados N.ºs, não podemos conceber como houvesse quem julgasse hum só de seus artigos incurso no primeiro caso, e grão do artigo 12 da Lei, que diz assim: "Abusa-se da Liberdade da Imprensa contra o Estado: 1.º excitando os Povos directamente á rebellião: 2.º provocando-os directamente a desobedecer ás Leis, ou ás

» Authoridades constituídas : 3.º atacando a forma do Governo Representativo, adoptado pela Nação: 4.º infamando, ou injuriando o Congresso Nacional, ou o Chefe do Poder Executivo» Huma só palavra, hum só discurso senão encontra em ambos elles, que possam dar lugar a huma semelhante accusação; e por isso, apoiado em nossa justiça, nada tememos porque em nada havemos delinquido. A primeira Sessão do Jury, será a do nosso triumpho; e então nossos inimigos, confundidos, e desesperados, devorarán raivosos em si mesmos os negros furores com que a perfidia os alimenta.

Declaramos que apesar de nos acharmos em prisão, continuaremos sempre nos dias do costume a advogar a causa da nossa liberdade, com a mesma energia e patriotismo com que atégora o havemos feito; e que só cessaremos de o fazer, se nos fizerem violencia, pondo-nos em estado incommunicavel; o que advertimos á Nação para que no caso de faltar o nosso Jornal, conheça logo a causa que o impede de apparecer.

MANOEL JOAQUIM DA ROZA  
Redactor da Trombeta Luzitana.

VACCA FRIA.

Está visto que he escusado cançarem-se os Jornalistas em pugnar pela justiça, e combater as infracções da Lei; são verdadeiramente vozes no deserto! Tem-se provado até á evidencia que o Deputado substituto, Miranda, está intruso no Ministerio, e não he possivel pôlo de lá para fóra; para se vêr desagradada a Lei fundamental! Esta criminosa reincidencia, não póde deixar de ter dois fins: o 1.º ter o Ministro da Justiça hum socio e amigalhão, que possa auxiliar as suas manobras; e o 2.º para mostrarem ao Publico, que não fazem caso algum delle, e que hade soffrer por força, quanto elles quizerem. O modo escandaloso porque estes dous homens estão violando as Leis, e escarnecendo a oppinião pública, he talvez original na chronica desavergonhada dos Ministerios de todas as nações! Do Ministro da Justiça, já não ha mais que dizer, nem que provar; e sobre a intrusão do — intruso — tão bem nada resta por aclarar. Este caso, já se pertendeo ventilar no Congresso; porém o Depp. que o exigia foi logo mandado calar, e por toda a satisfação que se deo á Nação, que estava com os olhos fixos naquelle negocio, foi dizer-se que não era de urgencia. Ora advinhem depois disto o que he urgencia? Para se saber se a Constituição está infringida, ou não, haven-

do irrefragavejs provas de que o está, não ha urgencia; e para se votarem penções do thesouro á Viuva de F. T., que ainda estava insepulto, ha *urgentissima urgencia*, e toda a pressa era pouca. Seja o que for, e o quizerem, o Povo está de sobejo esclarecido sobre a illegalidade com que Miranda está no Ministerio, e por isso anda dizendo abertamente por essas ruas, e praças: » Forte patranha era esta que nos querião arrumar, de *inviolabilidade da Lei!* » Tudo corre como d'antes corria; cada qual trata de fazer os seus interesses, e não lhe importa lei, nem meia lei. » E que será do systema (que não passa disso) Constitucional, se vão continuando com esta direcção porque o levão? Como isto fica impune, e a estrada aberta, não tardará muito talvez nesta mesma Legislatura, que não vejamos sahir hum Depp. da Sessão, e ir dar audiencia para o Ministerio, ou aconselhar o Rei. He verdade que isto não seria para admirar porque Sepulveda foi Depputado (e oh que Depputado!!) e Commandante da força armada! Ora se todas as Constituições que ha pela Europa, fossem tão bem guardadas como está sendo a nossa, que conceito faria o Grão Turco dos povos livres? Está-nos parecendo isto huma entremezada do carnaval! Bem faz o outro que anda a vêr tudo, ora de óculos, ora de luneta. Tão bem nós estamos quasi resolvidos a deixar a Trombeta, e a tocarmos antes n'um busto, que o caso he mais disso.

## O RELATORIO.

Apparece finalmente á luz do dia o *Relatorio* do Ministro da Justiça, que offereceo ás presentes Cortes Ordinarias, por occasião da sua abertura, e que foi mandado imprimir, e publicar. Tudo quanto delle se havia dito atégora vagamente não he nada, á vista do infame espirito em que se acha concebido. Nós tinhamos visto muitos e horrosos systemas de tyrannia, que desde seculos, e em diferentes épocas, os verdugos da humanidade hão inventado para opprimir o homem, e reduzilo ao mais affrontoso estado de cativoiro, que se possa conceber; porém, igual a este *Relatorio*, he que nós não tinhamos ainda visto nada, e mesmo nos persuadiamos de que a tanto não poderia chegar a perversidade humana, de mãos dadas com a mais crassa ignorancia. Nelle se achão encerradas todas as idéas tyrannicas dos Mocrats e Robspierres, e delle se conhece visivelmente o criminoso espirito de governar despoticamente que anima o seu author. Ali já não ha rebuço, nem attenções, nem machiavelismo; he a tyrannia manifesta, com

a mascara n'humã mão; e o punhal na outra. A liberdade e as Leis são por todo elle desconhecidas, e atacadas directamente, de sorte que ninguém acreditaria, a não estar assignado pelo author, que similhante *Relatorio* fosse escripto no seculo em que vivemos. Agora verão nelle todos os Portuguezes a Justificação irrecusavel de todos os escriptores que hão bradado contra o Ministro da Justiça, accusando-o de despota, e de traidor; ninguém os podia milhor justificar, nem a Nação adquirir hum prova mais convincente de seu abominavel character, que aquelle infame projecto da nossa escravidão.

Portuguezes! Lêde aquelle papel, e conhecei os ferros que seu author vos prepara; vós não podereis deixar de julgalo como criminoso de lesa-Nação, que attenta abertamente contra as nossas liberdades, affiançadas na Constituição! Requeira-se já aos Representantes da Nação, que mandem processar este criminoso, servindo-lhe o seu proprio *Relatorio* de Corpo de delicto: não se deixe impune hum tal attentado! Em quanto este homem, que dizemos! este monstro exercer authority, a Patria estará em perigo.

Nós vamos de hoje em diante dedicar a nossa folha sómente á refutação daquelle *Relatorio*, e não trataremos outra materia, em quanto não a concluirmos; porque a liberdade, e segurança do Povo Portuguez, he o primeiro e mais interessante objecto de nossos trabalhos, e esforços. E vós todos, Escriitores Portuguezes, encarregai-vos tão bem desta nobre tarefa, que melhor do que nós podeis desempenhar. Vêde que não somos nós, he a Patria que vo-lo pede, e exige de vós este dever; a liberdade acha-se ameaçada, e vós sois os seus defensores; não a desampareis! e a Patria agradecida, vos tributará hum eterno louvor.



Refutação do Relatorio, apresentado ás Cortes, pelo Ministro da Justiça, no qual se ataca directamente a nossa Constituição, e direitos.

Todo o principal objecto do Ministro em seu Relatorio, he arrogar a si todas as attribuições dos outros Ministros, e obter das Cortes humã authority illimitada, pela qual possa pôr em execução os ambiciosos, e despoticos projectos, que só elle era capaz de conceber debaixo de hum governo Constitucional. O pretexto da Segurança publica he a arma de que se serve para nos accommetter. A Nação conhece perfeitamente que he necessario adoptar providencias que evitem os continuos roubos que por toda a parte se es-

tão commettendo em Portugal; porém todos sabemos que estas providencias não devem de sorte alguma encontrar, e muito menos atacar directamente a Lei fundamental, de cuja exacta observancia depende a nossa liberdade. Se para evitarmos hum mal fosse necessario cahir em outro maior, quem haveria que approvasse similhante remedio? O salteador rouba só o passageiro, e este muitas vezes lhe resiste; porém o despota com a força na mão, afflige e oprime humã nação inteira, e ninguém lhe pôde resistir. Acuda-se á segurança dos Cidadãos, mas não se crie hum tyranno que os agrilhões.

A pag. 3, debaixo do art.º *Crimes e delictos*, diz o Ministro: » Não pertendo re-  
» novar a idéa de que o Governo antigo pro-  
» duzia a corrupção da sociedade, e era a  
» causa dos crimes e delictos que inundava  
» vão Portugal. » Que tem o Governo antigo com as providencias que hão de dar-se? á que vem isto aqui? Além de que, com que razão avança o Ministro esta preposição? consta-lhe que esse Governo animasse, e propagasse os crimes? He preciso que o Ministro tenha o character que todos lhe conhecem, para romper no excesso de attribuir áquelle Governo os crimes e delictos que se commettião. Como o Ministro teve a fortuna de o destruir, julga-se agora com o direito de o insultar, e calumniar tão atrosamente. Se elle era o accusador desses crimes, porque não cessarão elles com a sua queda? Ora combine o Ministro a quantidade de crimes de hum e outro governo, e veja debaixo de qual delles se hão commettido mais, e não queira denigrir homens, que se houvessem cumprido á risca com os seus deveres, talvez que o Ministro estivesse hoje habitando Angóla, ou as Pedras Negras... e o Ministro bem sabe porque, e se quizer que o declaremos, não teremos nisso a menor demóra.

Logo mais abaixo, continua o Ministro a declamar contra o mesmo governo, dizendo: » Como hum systema vicioso, e além  
» disso corrompido, em todos os ramos da  
» administração publica tinha obstruido as  
» fontes da prosperidade nacional, isto he,  
» o Commercio, a Agricultura, e a Indus-  
» tria, e como em consequencia a miseria  
» publica se havia generalizado, era indis-  
» pensavel que se multiplicassem as rapi-  
» nas, es roubos &c. » Nisto quer o Ministro dizer, que todos esses males findarão com o mesmo governo; e que hoje nem ha entre nós miseria, nem corrupção; que humã conhecida prosperidade reina em toda a Nação, augmentando o Commercio, a Agricultura, a Industria &c. Ora o Ministro

quando tal avança, ou está com a cabeça alienada, ou mofando da nossa desgraça. Vio-se nunca época de tanta miséria em Portugal como esta!! Vio-se jámais o Commercio tão arruinado como agora!! e a Industria! onde está ella? aponte o Ministro qual he? diga que fabricas se crearão, que estabelecimentos ha de novo, ou que emprego se tem dado aos artistas!! aponte, aponte hum só? Nós não pertendemos com isto, approvar, nem defender toda a conducta, ou systema do passado governo; mas não podemos tolerar que se pertenda aviltalo, para mentir despejadamente, inculcando que nos achamos de presente mais ricos, e mais felices; com o tempo, não duvidamos que assim venha a acontecer, se o verdadeiro amor da Patria, e a Justiça forem as constantes guias da conducta do Governo.

Continua: " Accrescia a estes principios de corrupção geral outro talvez mais funesto do que elles, quero dizer, a persiguição dos escriptos, e principios liberais &c. " E que queria o Ministro que o Governo fizesse debaixo de hum systema que não era Constitucional, e cujas Leis prohibião esses escriptos? queria que elle os admittisse, e deixasse circular? Antes nisso com muita moderação se houve, porque sendo prohibidos por ordem de El-Rei os Jornaes escriptos por Portuguezes em Inglaterra, todo mundo os lia, e o Governo, podendo perder muita gente, como infractores da Lei, não consta que perdesse alguém. Agora note o Ministro esta differença, que naquelle tempo não havia liberdade de imprensa; e hoje que felizmente a temos, são perseguidos e insultados todos os escriptores que combatem as prepotencias e prevaricações do Governo! Ora veja qual dos dous será o mais despotico.

Continua; fallando da necessidade das reformas: " A minha nomeação para o importantissimo lugar que occupo me constituiu responsavel pela reclamação dellas " Quem lhe metteo isso na cabeça? Quem constituiu ao Ministro procurador dos Povos? Isto, ou he muita ignorancia, ou muito atrevimento; o Ministro quer ser Secretario do Rei, e Procurador do Povo ao mesmo tempo!! ou ignora que isso he só privativo dos Representantes da Nação? Ora seja mais comedido, e pense melhor no que diz, e no que escreve.

A pag. 5 diz: " que já por beneficio da

" nossa Regeneração Politica, muito ha diminuido o numero de assassinios " Oxalá que assim fôra; mas não he isso o que nós vemos; e nesta mesma capital temos o exemplo, em alguns assassinatos horrorosos, que ha hum anno se hão commettido nella... era melhor que o Ministro não tocasse nisto... Continua: " Tem em proporção diminuido ainda mais os roubos, desde a época da Regeneração " Eis-aqui o que he fallar verdade! Ha anno e meio que Portugal se vé infestado como nunca, de quadrilhas de salteadores, que atacão povoações á viva força, o que he reconhecido, e confessado pelo Ministro a pag. 20 por estes expressos termos: " Actualmente esta peste se tem derramado por todo o territorio de Portugal, que se acha infectado de salteadores, contra os quaes he necessario tomarem-se fortes medidas " A' vista disto, quem deixará de conhecer que o Ministro se contradiz, e por tanto que falta á verdade? Todo este miseravel Relatorio se acha recheado destas visiveis contradicções, por que he tal a ignorancia do author que nem sabe ser coherente na impostura.

Continua: " Não tenho sido senhor dos meios, que os Governos das Nações mais cultas costumão pôr á disposição do Ministro, encarregado da segurança publica " He pena, e a Patria perde muito nisso. Não era preciso que o Ministro fallasse tão claro, porque todos nós o conhecemos de sobejo, e por desgraça nossa. O que pertende he só a bagatela de, authoridade illimitada, e cofre franco. Ora, com estas duas cousas á disposição do Ministro, grangeava a Nação duas essenciaes vantagens para a sua prosperidade; que erão — A descoberta de huma conspiração — de oito em oito dias, e a metade dos Portuguezes instituidos em espiões da outra metade; e as sobras desta despeza, todos sabem a applicação que o Ministro lhe havia de dar.... (1) Todos os seus esforços, e todo o seu constitucionalismo, hão sido sempre tendentes a apoderarse da authoridade suprema, para esmagar tudo debaixo do pezo do mais abominavel despotismo.

(Continuar-se-ha.)

(1) Ninguem ignora que aquelle homem cuida pouco, ou nada, na sua limpeza, e que tem por habito trazer as mãos muito sujas....